O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 42.º — N.º 2100

Sábado, 25 de Junho de 1949

VISADO PELA CENSURA

Estradas de Portugal

Há vinte anos - antes de Salazar—Portugal possuia uma rede de estradas quase intransitáveis ou em condições tais que utilizá-las constituia como que uma aventura.

De norte a sul do país, o aspecto era confrangedor e sempre o mesmo: estradas cobertas de cascalho, esburacadas e obstruidas por areia e pedra, indício de que as obras haviam já há muito paralisado...

Quem tivesse de viajar através do país era obrigado, por força das circunstâncias, a utilizar ordinàriamente o combóio, único meio de condução que oferecia a garantia de a viagem não ser forçadamente interrompida a meio do percurso. Era esse importante sector da vida nacional que urgia estudar e resolver. Trabalhou-se intensamente. Gastaram-se milhares e milhares de contos mas as actuais estradas portuguesas, com ramificações por todo o país, justamente consideradas como das mais belas da Europa, oferecem um flagrante contraste com as antigas e bem demonstram a obra realizada.

A' medida que o pais se foi restabelecendo, depois do saneamento financeiro e político, o Governo logrou aplicar com êxito os dinheiros públicos na reconstrução da rede de estradas, de maneira a facilitar o tráfego comercial e industrial entre as diversas províncias e a valorizar ao mesmo tempo o turismo nacional.

Assim se construiram dezenas de magníficas estradas, as quais originaram entre outros importantes benefícios, o aumento do intercâmbio comercial e proporcionaram a criação, remodelação e expansão de determinadas indústrias que haviam cristalizado ou mantinham uma produção inferior ao normal, em virtude das dificuldades que persistiam devido ao mau estado das estradas, o que dificultava sèriamente o rápido transporte das mercadorias.

Hoje, as estradas existentes em todo o país oferecem um maravilhoso aspecto a quem as percorre, e as viagens, sejam elas de que natureza forem, fazem-se com a máxima regularidade e eficiência, por caminhos planos e de fácil acesso.

A partir de 1942, a rede de estradas portuguesas foi estabelecida em 20.597 quilómetros, assim distribuídos: de 1.ª classe 5.926; de 2.ª 5.658 e de 3.ª 9.013.

A situação actual da rede que, antes de 1926 era constituida por cerca de 16.000 quilómetros, apresenta-se hoje nitidamente melhorada. Para isso foram construídas 16.430 quilómetros; por construir, 4.167.

Com os trabalhos feitos gastaram-se, no período de 1942-47, 313.129.963$36, na conservação de estradas; 716.392.476$57, em obras de construção e grande reparação; ou seja um total de 1.029.722.439$92.

As vias de comunicações nacionais asseguram presentemente às populações a maior comodidade, facilitando largamente o comércio e a indústria entre as terras mais distanciadas, do que beneficia por consequência o no geral toda a economia portuguesa.

O Verão

Fez a sua entrada oficial na terça-feira, 21, com tempo fresco, caindo ao princípio da tarde uma chuva miudinha que, a nosso vêr, apenas serviu para conter em respeito o pó das calçadas.

E já não foi pouco.

Por sua vez, os dias começaram a diminuir.

Em prol dos nossos Bombeiros

Auxiliemo-los para a compra duma auto-maca

Transporte	1.310$00
António Monteiro Correia	50$00
Soma	1.360$00

Troca de moedas

Não esquecer que as de 10 e 20 centavos, com a efígie da República, só até ao fim do mês dura o seu curso legal.

Depois trocam-se no Banco de Portugal onde recolhem definitivamente.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores

FECHARAM AS AULAS

Estão prestes a encerrar as escolas, iniciando-se as férias grandes logo após os exames que decorrem como complemento do ano lectivo, considerado na agonia.

E' sempre um alívio para os estudantes e professores, tendo estes, que no Liceu exercem essa profissão, efectuado, no domingo, um *pic-nic* na ria para o que utilizaram as lanchas de turismo, deliciando-se sobre as águas mansas do vasto e maravilhoso estuário de Aveiro, decerto o maior e mais atraente encanto de todos os tempos para a gente de bom gosto.

Pois então que a Providência o conserve triunfante e não nos tire as forças necessárias, imprescindíveis à sua defesa.

MOVIMENTO EXCURSIONISTA

—o—

Estiveram outra vez, no domingo, em Aveiro, muitos visitantes, que percorreram a cidade estendendo, alguns, o seu passeio à Barra e Costa Nova como, por exemplo, o grupo *Vila do Conde à Vista*, que fez o percurso numa confortável camionete, das mais modernas.

Os combóios também trouxeram bastante gente e os carros ligeiros não tiveram conta, atravessando a todas as horas, constantemente, a cidade.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal.—Aveiro

De vez enquando

Este nome—Artur Ravara—em que os jornais às vezes falam, apareceu, de novo, ante os meus olhos e eu li que fôra prestada, no domingo, mais uma homenagem, em Lisboa, à sua memória, na Escola de que é patrono e onde se descerrou o retrato do notável médico e cirurgião, natural de Aveiro.

Como na cidade existe uma artéria denominada—*Avenida Artur Ravara* — próximo da casa habitada, suponho, pelos seus progenitores, na antiga Rua de Santo António, é natural que *O Democrata* venha a dedicar ao que foi, como médico, uma das mais ilustres figuras do seu tempo aquelas palavras que lhe devemos como prova de que não está de todo esquecido.

JOÃO DO CAIS

Marinhas de sal

Começam a aflorar os primeiros montes nas eiras das que foram *botadas* na altura devida e muito concorrem para imprimir à paisagem marítima da nossa terra uma imponência que não é fácil ser encontrada pelo turismo em velegiatura durante o Verão. Pelo menos isso nos tem sido grato constatar todas as vezes que ouvimos ou lemos as suas referências, as suas apreciações sobre a *Veneza de Portugal*, que tanto nos desvanecem. E' agora, realmente, é nesta época que Aveiro começa a dizer o que representa, a mostrar o seu valor, tornando-se admirada à medida que os trabalhos dos marnotos se desenvolvem, aumentam, crescem e brilham à luz do sol. Os montes cristalinos, côr da prata, que a matizam, empolgam. E por isso a tornam cada vez mais bela, sedutora, amada por aqueles que, como nós, a trazem no coração.

IMPRENSA

Notícias do Douro

Entrou no 16.º ano este semanário da Régua que, sob a direcção do sr. dr. Agostinho Pizarro, tem sido um ardoroso defensor dos direitos da importante região vinhateira.

Publicou *Notícias do Douro* um número especial comemorativo, destacando-se entre a variada colaboração, o sr. Fernando Campos, que assim se pronuncia sobre a Imprensa Regional:

«Já por várias vezes temos afirmado que nunca a impredsa regional nos mereceu aquela soberania indiferença que certos publicistas improvisados costumam manifestar a seu respeito. Contràriamente, sempre essa Imprensa se impôs à nossa simpatia e consideração, por quanto sempre ela exerceu, no nosso País, a sua missão com inteira honestidade e perfeita consciência dos seus deveres, constituindo até, a nosso ver, o melhor porta voz dos interesses e aspirações locais e nacionais.

Com maior eloquência do que as palavras, traduz esta nossa consideração pelos jornais da Província a colaboração entusiástica e desinteressada que ao longo de muitos anos de bom combate nacionalista temos sempre prestado a quantos no-la solicitam, norteados pelo ditame da probidade jornalística e da correcção dos processos.

Com efeito, muito se engana quem julgar que o esforço desenvolvido pela Imprensa regional não possui um alcance apreciável, quem suposer que ela não exerce uma manifesta influência na opinião pública, que ela não tem muitas vezes interpretado superiormente a verdadeira consciência da Nação. Essa Imprensa pode até gabar-se de contrabalançar, algumas vezes, a funesta influência de certos grandes órgãos citadinos, de animar os benefícios da descentralização, de criar uma

ESPECULAÇÃO COM A SAÚDE PÚBLICA

Intitula-se assim um artigo que saíu em fundo, no *Século*, de 6 de Maio e sobre o qual o sr. Paulo Freire se pronuncia na secção *Várias Notas* que o *Jornal de Notícias*, do Porto, diàriamente insere, começando por dizer: «Acho bom serviço salientar-lhe aqui algumas das suas passagens. Trata-se dos preços dos medicamentos e da sua aquisição pelos Serviços Médico-Sociais e pelo público. Ora vejamos:

Diz *O Século*:

«O sr. deputado França Vigon, que muito bem conhece tudo o que diz respeito ao Instituto Nacional do Trabalho dele depende ou com ele tenha contactos, também em sessão da Assembleia ergueu a sua voz com o intuito de repor as coisas no seu lugar e de esclarecer um acidente, cuja importância a ninguém se ocultará ou poderá passar despercebida. Lendo-se o extracto do discurso proferido pelo sr. dr. Vigon, fàcilmente se reconhece que não o animou a paixão nem o inspirou a cegueira política. Ditou-o um certo senso comum, traduzido no desejo de lançar sobre o caso uma luz intensa, capaz de desfazer todas as dúvidas e de arredar da discussão quantas suspeitas e desconfianças fossem susceptíveis de a peturbar».

E mais isto:

«Das afirmações do sr. dr. França Vigon uma há que não pode deixar de ser posta desde já em relêvo. O sr. dr. Cerveira Pinto insurgira-se contra o facto de os Serviços Médico-Sociais adquirirem sem ser em concurso público as especialidades farmaceuticas que consumiam. A isso replicou o sr. dr. Vigon *que o Gabinete de Estudos da Federação, constituido por médicos, fez a certa altura um rigoroso inquérito sobre todas as especialidades receitáveis. Agrupou-as por afinidades e conseguiu, assim, com o parecer final do director da especialidade, um ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, fazer a relação das especialidades preferidas e dentro destas as clinicamente equivalentes. E' claro que algumas ficaram excluidas, por não serem receitáveis. Entre aquelas fez a escolha pelos maiores descontos oferecidos. Se tivesse aberto concurso estes descontos não poderiam ser superiores a 7 por cento, como manda o regulamento imposto pela Comissão Reguladora dos Produtos Quimicos e Farmaceuticos. Como não fez concurso, mas jogou com a concorrência nos descontos, ofereceram-lhes até 75 por cento para especialidades de certo laboratório nacional e até 60 por cento para as de certo laboratório estrangeiro, um dos melhores do Mundo. As diferenças entre o desconto legal e o desconto real, afim de os laboratórios não ficarem em transgressão evidente, são cobertas por donativos à Federação, seja em dinheiro, seja em especialidades*».

Leia e releia o leitor estas afirmações, medite-as e remedite-as.

* * *

Mas *O Século* comenta-as assim:

Prestam-se a certas observações e sugerem oportunos comentários estas informações, às quais bem pertence a classificação de sensacionais. A gerência dos Serviços Médico-Sociais não tem aberto concursos para a aquisição das especialidades farmaceuticas de que carece, simplesmente porque, adquirindo-as particularmente, as obtem por preços infinitamente mais baixos, mercê de descontos que atingem sessenta e setenta e cinco por cento. Se seguisse o critério ou a regra do concurso, esses descontos nunca podiam exceder sete por cento, por assim o ordenar e o impor o regulamento da Comissão de Produtos Químicos e Farmaceuticos! Tem um certo ar de incredulidade e de absurdo esta informação inesperada. Mas a garantir-lhe a autenticidade estão a categoria, a posição social e até a autoridade oficial de quem a proferiu.

E a que conclusões se presta o facto de, *legalmente*, os fabricantes e distribuidores de especialidades farmaceuticas não poderem levar a mais de sete por cento os descontos do custo dos seus produtos, ao passo que *particularmente* lhe é possível subirem até dez vezes mais? A muitas, qual delas a mais significativa e mais importante. Uma, porém, existe, que a todas sobreleva e sobre todas paira, como uma ave de rapina, de asas bem abertas. E' esta: mesmo fazendo tais descontos os laboratórios nacionais e estrangeiros ganham. Não podem deixar de ganhar. A sua magnanimidade não vai ao ponto de considerarem como uma honra o facto de fornecerem com prejuizo os seus capitais e as actividades que na sua indústria empregam».

Peço de novo ao leitor que leia e releia estes comentários, os medite e remedite.

E *O Século* fecha assim as suas considerações:

«O público em geral é que não pode beneficiar dos descontos, oferecidos e concedidos aos Serviços Médicos-Sociais. O regulamento da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmaceuticos não o consente, não o permite, não o tolera! E aqui está porque as especialidades farmaceuticas, nacionais e estrangeiras, atingiram e mantêm em Portugal uma carestia, desconhecida em qualquer outro país. Se se juntarem aos sessenta e setenta e cinco por cento de desconto, oferecidos e praticados quando se trata de fornecimentos aos Serviços Médicos-Sociais, mais dez ou quinze por cento o que é modesto, que ainda resta de ganho aos fornecedores, ter-se-á uma noção muito aproximada do que o público paga a mais pelas drogas e medicamentos laboratoriais que é forçado a consumir para defesa da sua saúde. E' de pôr os cabelos em pé!

Da discussão nasce a luz, mesmo quando parece que pode resultar a confusão. As acusações levadas ao Parlamento contra os Serviços Médico-Sociais podem não corresponder e parece que não correspondem em absoluto às realidades. Mas a franqueza com que o sr. dr. França Migon desvendou perante o País o quadro dos preços dos medicamentos, estabelecendo iniludivelmente a disparidade existente entre os do custo e os que, por imposição de um regulamento, se reclamam do público, é das que bradam aos ceus e solicitam correctivos imediatos, conducentes a terminar com abusos intoleráveis e com espoliações escandalosas. Impõe-se uma intervenção inflexível e rápida, mediante a qual se restabeleça a normalidade comercial numa zona social de onde as ambições desmedidas e as cobiças insaciáveis de há muito, segundo todas as aparências, lograram expulsá-la.

Os meus leitores leram, releram, meditaram e remeditaram? Pois bem: então se me dão licença, apoiando a boa doutrina que acima se transcreveu, deixem-me defender uma classe que é a vítima principal.

* * *

E então o sr. Paulo Freire, concluindo, termina desta maneira, fazendo justiça:

O bode espiatório desta ganhuça desenfreada é o Farmaceutico. O Farmaceutico que não tem laboratórios e vive quase na miséria, é que paga as favas. Eu tenho muito dó dos Farmaceuticos portugueses. A maioria deles não ganha para comer! E no entanto os remédios custam os olhos da cara e os Laboratórios arrecadam fortunas. Vai tudo para eles. Para o Farmaceutico vai o odioso, vai o trabalho, vai o frete. Sim. Impõe-se, de facto, uma intervenção inflexível e rápida, mas que corte a direito e ponha as coisas no seu devido pé.

Os senhores médicos já não formulam, só receitam especialidades. O Farmaceutico passou a ser um simples caixeiro dos Laboratórios, e ainda por cima dos Laboratórios que negoceiam particularmente e **enquanto dão aos desgraçados Farmaceuticos 10, 12 e 15% dão aos Organismos do Estado 60 e 75%!**

O Democrata chama a atenção do Sindicato e do Grémio da classe para este e outros casos que se estão dando e extraordinàriamente a prejudicam. Os clamores são quase gerais. Não pode ela suportar semelhantes anomalias e por isso acompanhamos o *Século* e o sr. Paulo Freire no que escreveram, louvando a sua atitude em presença da maneira desassombrada como encararam a questão, trazendo-a a público.

Resta saber quanto tempo levará a entrar nos eixos o que há tanto precisa de quem lhe dê prestígio. Olhe-se, pois, para a Farmácia e para os farmaceuticos como deve ser.

opinião indispensável aos grandes empreendimentos nacionais. Jorge Renard, professor do Colégio de França, respondendo a certo inquérito sobre a Imprensa, não duvidou declarar que era necessário não confundir, no referido inquérito, a Imprensa de Paris com a da Província; e elucidava que esta última era menos rica do que a da Capital, mas dispunha, todavia, de uma influência bem mais considerável sobre a opinião pública, pelo que a considerava superior à Imprensa parisiense, tanto sob o ponto de vista da sua correcção, como sob o do seu valor profissional. O mesmo poderiamos dizer, sem exagero, no nosso País, onde alguns jornais da Província têm dado lições de bom jornalismo e de dignidade profissional a certas folhas da capital, onde a legitimidade dos processos não corresponde porventura, muitas vezes, à pureza das intenções.

Erra, igualmente, quem desdenhar do valor literário dessa Imprensa regional, esquecendo-se de que alguns dos maiores nomes das letras portuguesas lhe deram o carinhoso concurso da sua colaboração.

Lembremo-nos de que escritores consagrados, como Latino Coelho, Camilo Castelo Branco, Oliveira Martins, Fialho de Almeida, Martins de Carvalho, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e tantos mais, para só falar dos mortos, não desdenharam colabo rar assiduamente em periódicos provincianos, publicando até, alguns deles, aquelas páginas que mais haviam de concorrer para lhes conquistar a justa imortalidade que obtiveram.

Circunstâncias várias do nosso tempo,—época de labor intenso, de preocupações absorventes—afastaram presentemente dessas colunas elementos mais representativos da inteligência e da cultura nacionais. Mas a culpa não é, decerto, dessa Imprensa regional que nunca foi mais honesta e desinteressada, que lutando com as maiores dificuldades vai cumprindo o seu dever de bem servir a *Pátria pequena*, —a terra de cada um, como diria Ramalho Ortigão, o que é ainda a melhor forma de servir condignamente a *Pátria grande*, o Portugal de todos nós, obra das gerações que passaram e de quem herdámos o património glorioso que nos cumpre defender e opulentar, para o legarmos por nossa aos vindouros.

A essa Imprensa regional, que bem se pode orgulhar de ter a dirigi-la belos espíritos, enformados na melhor escola nacionalista e nos melhores preceitos do moderno jornalismo, cabe, precisamente, um papel de alta importância na grande obra de ressurgimento nacional que há-de ficar na nossa história, atestando o valor e o patriotismo das actuais gerações portuguesas».

Felicitamos por mais este aniversário o *Notícias do Douro*, desejando a continuação das suas prosperidades.

Na Costa Nova

Está contratada a Orquestra Nacional de Lisboa para dar concertos no *Café Beira-Ria*, da encantadora praia, durante a estação calmosa e a principar já no dia 1 de Julho.

Tanto os banhistas como os que visitam a Costa Nova terão, portanto, boa música para deleitar o espírito, quere de dia, das 14 às 16 horas, como de noite, das 21 à 1 hora da madrugada seguinte.

Esta iniciativa de António Bagão Féliz é louvável, sob todos os pontos de vista, por concorrer para o progresso da praia cujas belezas estasiam pelo panorama que se difruta através da sua ria.

A Costa Nova continua, pois, a marcar e a impor-se o que é, para nós, motivo de satisfação.

Bem-fazer

—o—

Tendo a Subdelegação de Aveiro, do Instituto de Assistência à Família, distribuido enxovais por crianças, cujos pais vivem em precárias circunstâncias, foram contempladas cinco, protegidas por este jornal, a quem na sexta-feira da semana passada selhes entregou várias peças de vestuário e um par de sapatos. São elas: Horácio Pinto Calisto, de 7 anos; Serafim Cadete Marques, também de 7; António da Silva Morais, de 14; Graciette dos Reis Ferreira, de 8, e Maria da Luz Sucena Saraiva, de 9, filhos, respectivamente, de Dolores Pinto Calisto, da Rua da Fonte Nova; Vlademiro Dias Marques, da Rua do Rato; Manuel da Silva Morais, da Rua das Olarias; Luís Ferreira, idem, e Maria Sucena Saraiva, Cerca de S. Domingos.

A esta distribuição assistiu o sr. Dr. José Borges da Gama, sub-delegado daquele Instituto, a quem renovamos os nossos agradecimentos em nome dos protegidos pelo *Democrata*.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a interessante Ascenção Martins, filha do sr. José Martins, mestre de talha da Escola Industrial; a gentil Maria Luísa Ramos, filha do sr. António N. F. Ramos, proprietário do Ultimo Figurino; *a simpática tricaninha Elvira Almeida Lima Duque e a sr.ª D. Maria das Dores Vieira da Costa Lelo, esposa do nosso amigo José de Mesquita Lelo, do Porto; amanhã, a sr.ª D. Maria de Lourdes Moreira, esposa do sr. eng. António Gaioso Henriques; o inocente José Carlos, filho do sr. José Rodrigues Madail, funcionário da Direcção dos Serviços Pecuários, e os srs. tenente Júlio Durão e João Baptista Guimarães; no dia 27, o sr. João Armando Ferreira; em 28, as meninas Maria de Fátima Lima e Maria Helena Sobreiro Vidal, filhas, respectivamente, dos srs. capitão Barata de Lima e dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado; em 29, o nosso amigo Severiano Ferreira Neves, professsor oficial na escola masculina da Glória, a sr.ª D. Joaquina Caldeira Braz Deniz, esposa do sr. António Diniz, ausentes no Congo Belga, e a menina Arlinda Ferreira da Cruz, filha do sr. Manuel Ferreira da Cruz Cavalheiro, de S. Benardo; em 30, a sr.ª D. Alice Bessa de Brito, esposa do nosso amigo major Alfredo de Brito, sub-inspector dos S. A. M., e o menino José Guilherme de Lima Pinto, filho do sr. Artur José Pinto Júnior, do Porto; e em 1 de Julho, a sr.ª D. Hermenegilda Jubero Belo, esposa do comerciante sr. João Belo e os srs. João Evangelista Sarabando e dr. Vaz Craveiro, médico em Ilhavo.*

Casamentos

Está justo o casamento da sr.ª D. Marília dos Santos Morais, simpática filha da sr.ª D. Ana dos Santos Alfarelos Morais e de seu marido o importante comerciante sr. Alvaro Morais, com o nóvel médico, sr. dr. Horácio Briosa Gala, do Troviscal.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Partidas e Chegadas

Regressou, com sua esposa, de Lourenço Marques, onde residiu alguns anos, o nosso conterrâneo sr. Ricardo da Cruz Bento que no bairro piscatório exerceu a sua actividade, negociando em pescado e sal.

Apresentamos-lhe cumprimentos.

—Estiveram nesta cidade os srs. major Armando Esteves e professor Acúrcio Maia de Albuquerque, de Oiã; José Filipe de Carvalho, secretário de Finanças em S. João da Madeira e Francisco Valério Mostardinha, de Nariz.

Doentes

Embora lentamente tem-se acentuado as melhoras do sr. coronel Amílcar Mourão Gamelas, chefe do D. R. M. n.º 10.

Continua ainda de cama, tendo recebido a visita de alguns amigos mais íntimos.

A PUBLICIDADE

—o—

Como se sabe é a América do Norte que bate o *record* em anúncios nos jornais, aumentando de ano para ano o numerário da quantia gasta pelo seu comércio. Assim, em 1948 dispendeu esse país nada menos de que 5 biliões de dólares ou sejam, segundo a estatística, mais 36,2 por cento do que em 1947.

E compreende-se que assim suceda, visto o jornal representar para todos os efeitos talvez o melhor meio de propaganda até hoje inventado.

Extraordinário país!

Santos populares

—o—

Em algumas terras o S. João foi festejado com ruido, principalmente na noite de 23 para 24—de quinta para sexta-feira.

No Porto são nesta altura as festas da cidade, tendo sido elaborado um vasto programa, do qual faz parte um cortejo para remate dos mesmos, que amanhã, de tarde, se realiza e em que deve incorporar-se gente da nossa terra com trajos de pescadores, de salineiras e de tricanas.

E' cognominado de *Cortejo do Mar*. Hoje terá lugar outro número de grande efeito por se realizar no Douro: é a chamada *Noite do Rio*, concorrendo seis dos melhores pirotécnicos.

Benemerência

No respectivo mealheiro deram entrada as seguintes importâncias: 50$00 do sr. António Monteiro Correia, novo gerente da filial do Banco N. Ultramarino de Bragança; 10$00 da nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Conceição Faria da Cruz, residente em Lourenço Marques (Africa Oriental) e que à Redacção mandou satisfazer a sua anuidade, e 5$00 de outra assinante que igualmente liquidou o seu débito.

A todos, aqui deixamos consignado os nossos agradecimentos.

Cadela

Desapareceu da residência do sr. Manuel Coutinho, em Nariz (Aveiro) dando pelo nome de *Peggy*, de raça *Pekinvis*. Gratifica-se quem a apresentar ou indicar o seu paradeiro na referída casa.

Espingarda caçadeira

Vende-se marca *Remington* em bom estado. Aqui se informa.

NECROLOGIA

Tenente-coronel José Afonso Lucas

Fomos na quarta-feira de manhã surpreendidos com a notícia da morte, em Lisboa, deste ilustre oficial do Exército, director das Oficinas Gerais de Material de Engenharia e figura de relevo nos meios militares, onde era bastante considerado, devido às suas faculdades de trabalho, à sua competência e aos seus dotes de inteligência.

Muito conhecido em Aveiro, onde em tempos vinha amiudadas vezes e possuia grande número de amigos, o tenente-coronel Lucas que prestou serviço em várias unidades, foi professor da Escola Central de Sargentos de Agueda e era actualmente administrador, por parte do Governo, da Sociedade de Adubos Portugueses.

Durante a guerra de 1914 fez parte do C. E. P. numa Companhia de Sapadores Mineiros, tendo mais tarde prestado serviço no Batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro, isto além de várias missões que desempenhou com notável proficiência.

O inesperado desenlace impressionou-nos profundamente, pois há muito que mantinhamos as melhores relações de amisade com o prestigioso militar que tanto se impunha pelos primores do seu carácter a que aliava uma esmerada educação.

Natural de Sabugal, tinha 54 anos, era casado com a sr.ª D. Eugénia Pardinha Rodrigues da Costa Quintela Lucas, pertencente a uma família assás considerada de Sarrazola, freguesia de Cacia, pois era filha do falecido médico, dr. José Maria Rodrigues da Costa, de saudosa memória; pai das sr.as D. Maria Delfina, D. Maria Tereza e D. Maria Eugénia Rodrigues da Costa Lucas e dos srs. José Maria e Nuno Afonso Rodrigues da Costa Lucas; irmão do advogado sr. dr. Afonso Lucas e cunhado do juiz sr. dr. Francisco Quintela, tendo-se realizado o funeral do Hospital da Estrela, onde faleceu, para o cemitério de Benfica, com grande acompanhamento.

O Democrata, partilhando da dôr que alanceia a desolada viuva, seus filhos e restante família, associa-se ao luto que a todos envolve.

* * *

No bairro piscatório sucumbiu, com uma doença cancerosa, Sebastião José dos Santos, casado, de 66 anos, tendo-se realizado o enterro para o cemitério sul.

Pêsames aos doridos.

* * *

Na Preza, uma grave enfermidade, ceifou, com 23 anos, apenas, Maria de Jesus Vieira, casada com Alcino Pereira, operário cerâmico na Fábrica Aleluia. Não deixou filhos.

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Sábado, 25 (às 21,30 h.)
Os Três Mosqueteiros

Domingo, 26 (às 15,45 e 21,30 h.)
Amor eterno

Terça-feira, 28 (às 21,30 h.)
Comp. Juvenil Espanhola
(Os Chavallillos Sevillanos)

Quinta-feira, 30 (às 21,30 h.)
Vizinhos do Rez do Chão

Em 2:
A Hora Decisiva

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo segundo Tribunal, primeira secção, correm éditos de 20 dias, citando os credores desconhecidos para a execução de sentença que Manuel Lopes Póvoa, casado, carpinteiro, de Eirol, move contra José Marques da Costa, casado, lavrador, de Arazede, a fim de, a contar da segunda e última publicação deste, usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 11 de Junho de 1949.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Gorjão Nogueira
O Chefe de Secção,
João Morais Sarmento

Agradecimento

A família de Maria da Conceição Teixeira da Cunha, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que de qualquer modo lhe apresentaram condolências, receando qualquer involuntária falta, vem por este meio testemunhar a todos a sua gratidão.

Aveiro, 21-6-949

Cine-Teatro Avenida

Terça-feira, 28 de Junho de 1949

Toda a beleza da música, dos ballados e das canções espanholas, numa revista desempenhada pela
Melhor Companhia Juvenil Espanhola
OS CHAVALLILLOS SEVILLANOS
Ver este espectaculo é contemplar maravilhado a alma e a arte espanhola.
Um sucesso absolutamente excepcional
Montagem a rigor
Dois meses de lotações esgotadas, no TEATRO APOLO, de Lisboa.

Tribunal do Trabalho
Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juiz do Tribunal do Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia um de Julho do corrente ano, pelas onze horas, vai pela primeira vez à praça, o prédio penhorado na execução por cotização em dívida à Casa do Povo de Esgueira, movida contra Maria Caiado, como viúva de António de Oliveira Bastos, proprietária, residente em Taboeira, freguesia de Esgueira, a saber:

Uma casa com quintal e terra pegada que confronta, do norte, com João Pereira dos Santos; do sul com viela de servidão; do nascente com via pública e do poente com estrada pública e está inscrita na matriz predial urbana sob o artigo número 632 e descrito na conservatória sob o número 40.905, a folhas 127 ver so do livro B/ 107.

Vai à praça por 5.940$00.

Para constar se passou este e dois de igual teor, que serão devidamente afixados, um à porta do Tribunal, outro na porta da casa do Regedor de Esgueira e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro, 18 de Junho de 1949

O Juiz,

a) *António Augusto de O. Gala*

Pelo chefe de secretaria,

Rui Vicente Ferreira

Remo

Realizando-se em fins de Julho, na Figueira da Foz, as Regatas Internacionais desta modalidade, os rapazes dos *Galitos*, preparam-se para as disputar com aquele entusiasmo que os caracteriza e que teem dado sobejas provas no ardor da luta, defendendo as côres do seu Club, para honra da terra onde nasceram — a nossa Aveiro — e do país que teem representado com tanta galhardia.

Estão marcadas para de ontem a um mês, devendo nesse dia a rainha das praias, registar a presença de muitos aveirenses que a visitarão.

Atenção para a 4.ª página

Correspondências

Taipa, 20

Uma das maiores necessidades deste lugar, actualmente, é a falta de água no chafariz do largo da capela. A estiagem prolongada não há dúvida que contribuiu para a falta, mas uma fonte precisa sempre de reparação e por isso se pede a quem neste assunto tiver interferência que mande verificar os motivos das queixas a ver se de algum modo se lhe pode dar remédio.

O pão é muito preciso; mas a água sempre ouvimos dizer que não é menos.

P.

N. da R. — Tem razão o autor das linhas acima e por isso fazemos votos pela atenção que lhe deve ser prestada por quem de direito, concorrendo quanto possível para o bem estar do povo da Taipa.

Esgueira, 22

A nossa terra passou de novo a ser policiada, de dia e de noite, o que é para agradecer, pois de vez enquando registavam-se desacatos que estamos certos não se repetirão.

—Realizou-se aqui, a semana passada, um casamento de ciganos que despertou a curiosidade de muita gente que acorreu a presencear os seus costumes. Ela, Maria de Lourdes Caramelo é esbelta, dum moreno languido e de olhos castiços, sendo natural de Arraiolos, onde vivia com seus pais; e êle, Nelsar Miguel do Carmo, é um rapagão, desempenado e simpático.

Foram quatro dias de festa rija com grandes comesainas e danças e cantares à mistura, correndo tudo sem qualquer nota discordante.

Os convidados foram em grande número, vindo alguns de terras distantes.

—Deu à luz um robusto pimpolho a esposa do nosso amigo Manuel de Matos.

Mãe e filho encontram-se bem.

C.

Oliveirinha, 23

Efectuou-se a festa do Corpo de Deus, que aqui chamou a gente dos mais distantes lugares da freguesia. Houve comunhão solene às crianças, estralejaram foguetes no espaço e os acordes musicais das filarmónicas concorreu para que a população saisse da sua habitual monotonia, passando um domingo fora do vulgar.

O cortejo religioso percorreu, de tarde, o itenerário do costume, apresentando-se as irmandades com aquele aprumo e decência que lhe imprimiam quantos as constituem.

As ruas foram juncadas de verdura e alguns prédios apareceram com colgaduras nas sacadas.

Tudo isso honra a Oliveirinha que é, do concelho de Aveiro, uma das principais freguesias da sua diocese.

—Véspera de S. João. Acendem-se hoje as fogueiras em honra do Precursor e a mocidade, à volta delas, dança e canta alegremente, embora tenha posto de parte as violas antigamente muito usadas nesses expansivos descantes.

Mudança de tempos...

C.